

A ÚLTIMA ENTREVISTA DE CLARICE LISPECTOR: UMA ANÁLISE PRAGMÁTICA DOS MOVIMENTOS DE AMEAÇA E PRESERVAÇÃO DA FACE

CLARICE LISPECTOR'S LAST INTERVIEW: A PRAGMATIC ANALYSIS OF FACE THREATENING AND FACE SAVING ACTS

Luis Felipe da Silva Castelo Branco (UFPI) 
0000-0002-2687-3008

Francisca Jaqueline Ferreira de Oliveira (UFPI) 
0000-0002-7873-4261

Como citar: BRANCO, L. F. da S. C.; OLIVEIRA, F. J. F. de. A última entrevista de Clarice Lispector: uma análise pragmática dos movimentos de ameaça e preservação da face. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 3, p. 16-35, set.-dez. 2024.

doi: 10.47295/mren.v13i3.1590
recebido em 21/03/2024 – aprovado em 09/06/2025



Resumo

Neste trabalho, filiamos-nos aos estudos pragmáticos de análise da linguagem, para tecermos um diálogo entre a Teoria das Faces, proposta por Goffman (1974, 1981), e a Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987). Diante de cada um desses construtos teóricos, focamos, respectivamente, a noção de face e as estratégias de polidez. Selecionamos como objeto de análise uma entrevista da escritora Clarice Lispector feita pelo repórter Júlio Lerner, da TV Cultura, em fevereiro de 1977. Tivemos como objetivo geral analisar os movimentos sociointeracionais de preservação da face nesta que ficou conhecida como a *última entrevista* de Clarice Lispector. Para isso, buscamos identificar atos de fala que supostamente ameaçassem a face da entrevistada, além de verificar as possíveis estratégias de polidez empregadas pela escritora para preservação de sua face. No tocante aos procedimentos metodológicos, nossa investigação é de natureza qualitativa e de abordagem interpretativa. De modo geral, nossos resultados apontaram que, apesar de as respostas de Clarice Lispector, assim como as perguntas a ela direcionadas pelo jornalista, ameaçarem sua face positiva, ela não deixou de empregar diversas estratégias de polidez para preservar sua face positiva e a face positiva de seu interlocutor, adaptando-se ao contexto da entrevista e demonstrando sensibilidade diante das perguntas, principalmente daquelas relacionadas à sua vida pessoal e ao seu fazer como escritora.

Palavras-chave: Pragmática. Face. Polidez. Clarice Lispector. Interação.

Abstract

In this work, we align ourselves with pragmatic studies of language analysis to establish a dialogue between Goffman's Face Theory (1974, 1981) and Brown and Levinson's Politeness Theory (1987). We focus on the notion of face and politeness strategies within each of these theoretical constructs. We selected an interview with the writer Clarice Lispector conducted by the reporter Júlio Lerner, from TV Cultura, in February 1977, as our object of analysis. Our general objective was to analyze the socio-interactive face-preservation movements in what is known as Clarice Lispector's *last interview*. To this end, we sought to identify speech acts that supposedly threatened the interviewee's face and to verify the possible politeness strategies employed by the writer to preserve her face. Regarding the methodological procedures, our investigation is qualitative and interpretative in nature. Overall, our results showed that, although Clarice Lispector's answers, as well as the questions directed to her by the journalist, threatened her positive face, she did not fail to employ several politeness strategies to preserve her positive face and the positive face of her interlocutor, adapting to the context of the interview and showing sensitivity to the questions, especially those related to her personal life and her work as a writer.

Keywords: Pragmatics. Face. Politeness. Clarice Lispector. Interaction.

INTRODUÇÃO

A linguagem é uma poderosa ferramenta para construir sentidos e assegurar a interação entre os sujeitos. Se recorrermos ao significado dicionarizado do termo “interação”, encontraremos definições que convergem para apontar uma influência ou ação mútua entre dois ou mais corpos. Analogamente, na comunicação humana, os sujeitos se encontram em constante interação, isto é, agindo uns sobre os outros em relações socialmente mediadas pela linguagem.

É no intuito de investigar o modo como os sujeitos interagem e produzem sentidos em situações concretas de uso da linguagem que a Pragmática se desenvolve. Ela nos direciona para uma busca da significação contextual dos enunciados. Nessa perspectiva, interessa analisar os elementos que perpassam a interação entre os sujeitos, exigindo um olhar para além da estrutura linguística e indicando, por exemplo, *quem fala, para quem, em que situação de comunicação, quais possíveis intencionalidades etc.*

No embalo dessas reflexões, neste trabalho, filiamo-nos aos estudos pragmáticos de análise da linguagem. De modo mais específico, tecemos um diálogo entre a Teoria das Faces, proposta por Goffman (1974, 1981) e a Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987). Diante de cada um desses construtos teóricos, focamos, respectivamente, as noções de face e as estratégias de polidez.

Selecionamos como objeto de análise uma entrevista da escritora Clarice Lispector, realizada pelo repórter Júlio Lerner, da TV Cultura, em fevereiro de 1977. É relevante destacarmos que, nesse contexto, o Brasil vivia sob a ditadura militar, um período marcado por repressão, censura e vigilância. Em meio a esse cenário, a entrevista foi realizada no programa “Panorama”, um dos mais importantes da TV Cultura na época, emissora que, mesmo em um contexto de censura, buscava oferecer um espaço para a produção cultural e o debate de ideias. A entrevista em questão só pôde ser divulgada após a morte da autora, pois ela pediu que assim fosse feito. Pouco tempo depois, em dezembro de 1977, Clarice morre, sendo a entrevista divulgada dez meses após o ocorrido.

Diante disso, tivemos como objetivo geral analisar os movimentos sociointeracionais de preservação da face na *última entrevista* de Clarice Lispector. Para isso, traçamos os seguintes objetivos específicos: I) identificar atos de fala que supostamente ameaçam a face da

entrevistada; e II) verificar as possíveis estratégias de polidez empregadas pela escritora para preservação de sua face.

No tocante aos procedimentos metodológicos, nossa investigação é de natureza qualitativa e de abordagem interpretativa, visto que partimos de conceitos pragmáticos para analisarmos, de forma indutiva, os jogos de linguagem que ameaçam a face da entrevistada, assim como as estratégias de polidez por ela empregadas para preservá-la. Sendo uma entrevista gravada para a televisão, o nosso objeto de análise é constituído tanto por elementos verbais quanto visuais.¹ Entretanto, como um recorte e respeitando as extensões de nosso trabalho, partimos da análise dos elementos verbais para obtenção de nossos dados. Sendo assim, ao longo da análise, realizamos a transcrição de trechos de perguntas e respostas pertinentes para nossa discussão, os quais, embora não deem conta da totalidade dos fenômenos presentes da interação face a face, são indispensáveis para análise, uma vez que representam o produto material da interação estabelecida na entrevista.

UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA DA INTERAÇÃO: A NOÇÃO DE FACE (POSITIVA E NEGATIVA) E AS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ

Nos estudos linguísticos, de modo geral, temos dois paradigmas que orientaram as investigações sobre a língua/linguagem: o formal e o funcional. No primeiro, temos áreas que trabalham a língua em seus aspectos estruturais, tais como a Morfologia, Sintaxe, Semântica, Fonética e Fonologia, entre outras. Já no segundo paradigma encontramos subáreas dos estudos da linguagem que consideram a língua em uso, as quais destacamos a Pragmática.

Mas no que a Pragmática se diferencia do paradigma formal da Linguística Tradicional? Além do enfoque na língua em uso, a Pragmática, como acrescenta Brandão (2023), proporciona uma compreensão mais abrangente do funcionamento da mente humana, das interações e das comunicações entre as pessoas, da maneira como os falantes expressam suas verdadeiras intenções e, de forma mais geral, do uso da linguagem pelos seres humanos. Sendo assim, entendemos que um enfoque pragmático parte de elementos estruturais - não os desconsiderando - para, indo além do que *diz* a estrutura dos enunciados - pragmaticamente

¹ A entrevista encontra-se disponibilizada na íntegra no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>.

concebidos como potenciais atos de fala – contemplar a significação linguística no interior de um contexto de interação.

Nesse sentido, a Pragmática se volta para investigar o significado contextual. Em um estudo dessa natureza, interessa a significação de um enunciado dentro de um contexto particular, em interações reais, nas quais a situação de comunicação influencia no que é dito. Para descrever essa relação, é necessário considerar que a intencionalidade dos enunciados dos falantes é organizada conforme *o que está para ser dito, onde, quando e em quais circunstâncias de interação* (Brandão, 2023).

Com isso, percebemos que o estudo da língua dentro de um contexto de interação encontra espaço na Pragmática. A respeito desse diálogo, destacamos que:

A importância da Pragmática para os estudos interacionais reside no fato de possibilitar a compreensão da significância social dos padrões de uso linguístico, que transcendem os significados referenciais, possibilitando explicação plausível sobre os sentidos que se constituem nos processos interacionais (Brandão, 2023, p. 40).

Partindo desse entendimento, podemos discutir acerca dos estudos da face e da polidez, que são exemplos de como estabelecer uma relação entre os estudos interacionais e a Pragmática. Começamos por esmiuçar a noção de face, assim como os seus respectivos desdobramentos em face positiva e face negativa e os tipos de enunciados capazes de ameaçar cada uma delas.

FACE POSITIVA E FACE NEGATIVA

Os estudos sobre a face encontram um de seus principais representantes no sociólogo Goffman, havendo como marco a publicação das obras *The Presentation of Self in Everyday Life*, de 1956, *Interaction Ritual*, de 1967, *Frame Analysis*, de 1974 e *Forms of Talk*, de 1981. Nesses trabalhos, o autor desenvolve gradualmente a sua teoria sobre a face, investindo em estudos de natureza pragmática que se debruçaram sobre as regras sociais de comportamento que atravessam as interações humanas, procurando descrever como os falantes adequam seus comportamentos verbais ao contexto de interação em que estão inseridos. Com isso, a noção de

face é apresentada como um produto instável das relações sociais, que, por sua vez, são marcadas pela heterogeneidade.

A Teoria das Faces, desenvolvida por Goffman, dialoga com as “leis do discurso” sistematizadas por Grice (1975), isto é, as regras subjacentes a toda interação verbal, que devem ser respeitadas pelos falantes e são orientadas pelo “princípio de cooperação”. Essas “leis”, que funcionam como máximas conversacionais, usando a nomenclatura do autor, influenciam diretamente no comportamento dos falantes em uma situação de troca verbal. Nesse sentido,

O princípio de cooperação, alicerce das leis do discurso, compreende a lei da pertinência (a adequação ao contexto), a lei da sinceridade (o engajamento do enunciador no ato de fala), a lei da informatividade (para que o destinatário possa inferir subentendidos), a lei da exaustividade (o enunciador deve dar a informação máxima, considerando a situação), as leis da modalidade (que prescrevem a clareza e a economia no enunciado) e, como a comunicação verbal é relação social, a *lei da preservação das faces, que submete a comunicação às regras de polidez*” (Saito; Nascimento, 2005, p. 2, grifo nosso).

Assim, a lei de preservação das faces é um dos conhecimentos que os falantes possuem acerca do modo como devem proceder diante de uma interação comunicativa. O termo face - ou fachada, como também é utilizado por Goffman -, “[...] pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular” (Goffman, 2011, p. 13-14). Nesses termos, a face diz respeito a uma imagem produzida pelo sujeito tomando como referência atributos aprovados socialmente.

De acordo com Goffman (2011), o falante não apenas reivindica uma face para si, como também age durante a interação para a preservação de sua face, tornando suas ações coerentes com a face que ele supõe projetar para si. Ainda segundo o autor, “[...] A preservação da fachada serve para neutralizar ‘incidentes’ - quer dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a fachada” (Goffman, 2011, p. 20). Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que os membros de um grupo social realizam ações para preservar suas faces durante determinadas situações de comunicação, visando, assim, garantir que a comunicação ocorra de forma adequada - por exemplo, ser amigável, educado, discreto no intuito de preservar a própria face.

Diante dessa teorização sobre as faces, Brown e Levinson (1987) propuseram uma ampliação do que foi proposto por Goffman, realizando uma diferenciação entre face positiva e face negativa. No entendimento desses autores, a primeira consiste em uma fachada social

positiva que o falante constrói para si, a qual parte de uma necessidade pessoal de identificação, aprovação, aceitação e apreciação por parte do interlocutor. A segunda, por outro lado, é a fachada negativa que todos possuem, mas que não desejam que o outro tenha acesso, mantendo-se reservada a um território pessoal e manifestando-se a partir da autoafirmação, do desejo de não imposição e de liberdade (Lins; Muniz, 2012).

Com base nisso, há o entendimento de que toda interação comunicativa pressupõe um jogo entre as faces positiva e negativa dos falantes envolvidos. Por isso, a partir da ampliação do conceito de face feita por Brown e Levinson (1987), constatou-se que “[...] face é algo em que há investimento emocional e que pode ser perdida, mantida ou intensificada e tem que ser constantemente cuidada numa interação” (Lins; Muniz, 2012, p. 554). Isso pode ser motivado a partir da própria construção dos enunciados que são dirigidos aos sujeitos, visto que possuem o potencial de levar o interlocutor a perder, manter ou intensificar a face que ele tenha construído.

Saito e Nascimento (2005), partindo das considerações de Brown e Levinson (1987) e Goffman (1967) sobre a face, destacam, primeiramente, que toda situação de comunicação, por reunir no mínimo dois sujeitos, é composta por pelo menos quatro faces: a face positiva e a face negativa de cada um dos participantes da interação. Em seguida, as autoras distinguem alguns atos - enunciados - que são suscetíveis de ameaçar as faces dos participantes de uma interação. São eles:

Tabela 1 - Tipos de atos que ameaçam as faces em uma interação.

Atos que ameaçam a face positiva do locutor	Atos em que o locutor pode arriscar sua imagem positiva diante de seu interlocutor. Por exemplo: críticas a si mesmo, auto-humilhação, reconhecimento de limitações, fraquezas etc.
Atos que ameaçam a face negativa do locutor	Atos em que o locutor pode arriscar sua imagem negativa diante de seu interlocutor, pois há a possibilidade de serem percebidos como intrusivos, impositivos ou capazes de ameaçar a liberdade daquele a quem se dirige. Por exemplo: promessas, avaliações do outro, julgamentos, agradecimentos, aceitar ajuda etc.
Atos que ameaçam a face positiva do interlocutor	Atos em que o locutor pode prejudicar a imagem positiva daquele a quem se dirige, ferindo a autoestima, gerando desconforto ou constrangimento. Por exemplo: fazer críticas, insultar, desaprovar, corrigir, menosprezar etc.
Atos que ameaçam a face negativa do interlocutor	Atos que podem ser considerados intrusivos, coercivos, gerando sensação de invasão pessoal e, conseqüentemente, reações que possam fazer a fachada negativa do interlocutor se manifestar. Por exemplo: perguntas diretas ou indiscretas, conselhos não solicitados, imposições autoritárias, pressão excessiva etc.
Atos que ameaçam as quatro faces (do locutor e do interlocutor)	Atos em que o locutor pode prejudicar, simultaneamente, as faces positiva e negativa suas e de seu interlocutor, sendo mais complexos e característicos de comportamentos abusivos. Por exemplo: insultos, comentários sarcásticos, interrupções, humilhações, ameaças etc.

Fonte: Adaptação feita com base em Saito e Nascimento (2005).

Com base nisso, conseguimos identificar algumas possibilidades de analisar as faces que os sujeitos podem assumir durante uma interação. Além disso, constatamos que se trata de um processo complexo, visto que se realiza a partir de um jogo de imagens, que são suscitadas dentro de um contexto de interação específico, que devemos considerar para interpretação da significação contextual dos enunciados. Dessa forma, podemos explorar mais um recurso para as nossas análises: as estratégias de polidez mobilizadas para preservação das faces.

ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ

Partindo dos estudos pragmáticos, que investigam o funcionamento da língua como objeto social, Brown e Levinson (1987) elaboraram uma teoria da polidez linguística com a intenção de investigar todos os aspectos do discurso que não são regidos por regras e que pretendem preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal. Desse modo, esses autores

desenvolveram a Teoria da Polidez, aprimorando a noção de face, que primeiramente foi citada por Goffman (1967).

Assim, de acordo com os estudos de Brown e Levinson (1987), pode-se afirmar que a polidez trata de um conjunto de práticas e estratégias linguísticas usadas pelos sujeitos a partir de um repertório cultural disponível socialmente, para, em situações de interação verbal, preservarem suas faces e não agredirem a face de seu interlocutor. Além disso, é importante destacar que Brown e Levinson (1987) entendem o processo de interação verbal - um ato processual - como mutuamente ameaçador da face, de modo que, ao se comunicarem, os indivíduos se colocam, de maneira consciente ou não, numa posição de desequilíbrio e vulnerabilidade.

Posto isso, conforme pontua Emediato (2018), em Brown e Levinson, o conceito de polidez se torna indissociável do conceito de face e remete ao processo dos esforços de preservação das imagens dos interactantes. Nesse sentido, a preservação das faces nas interações verbais só se efetiva a partir de um conjunto complexo e multivariado de estratégias na atividade languageira. Dessa forma, Brown e Levinson (1987) propõem algumas possíveis estratégias diante da ameaça das faces na interação verbal. Essas estratégias têm como função assegurar uma transmissão eficaz da informação, assegurando, assim, a melhoria das relações sociais por meio da satisfação das faces dos interlocutores envolvidos na interação. Essas estratégias propostas pelos autores são classificadas em: estratégias de polidez positiva, estratégias de polidez negativa e estratégias de polidez indireta.

Saito e Nascimento (2005) pontuam que a polidez positiva consiste em satisfazer, parcialmente, as aspirações do interlocutor, dando a entender que há desejos comuns entre ambos. Já a polidez negativa ocorre se empregarmos expressões que evitam imposições ao interlocutor, como o uso de evasivas e o desejo de não querer se comprometer com o outro. Por fim, ainda de acordo com Saito e Nascimento (2005), as estratégias de polidez indireta são aquelas que representam um ato comunicativo indireto, pois quem enuncia deixa uma saída para si, implicando um número de interpretações defensáveis. Para as autoras, esta estratégia permite ao locutor emitir atos ameaçadores da face, evitando responsabilidades ou deixando a interpretação por conta do interlocutor.

Assim, passamos agora para a descrição dessas estratégias, por meio da tabela abaixo:

Tabela 2 - Estratégias de polidez.

POLIDEZ POSITIVA	POLIDEZ NEGATIVA	POLIDEZ INDIRETA
Perceba o outro. Mostre-se interessado pelos desejos e necessidades do outro.	Seja convencionalmente indireto (pedido em forma de pergunta).	Faça insinuações.
Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo outro.	Questione, atenuie (futuro do pretérito: 'poderia').	Dê pistas de associação.
Intensifique o interesse pelo outro.	Seja pessimista.	Pressuponha.
Use marcas de identidade de grupo "Amor".	Minimize a imposição.	Diminua a importância.
Procure acordo.	Mostre respeito.	Exagere, aumente a importância.
Evite desacordo.	Peça desculpas.	Use tautologias.
Pressuponha, declare pontos em comum.	Impessoalize o falante e o ouvinte. Evite os pronomes 'eu' e 'você'.	Use contradições.
Faça piadas.	Declare o ato ameaçador de face como uma regra geral.	Seja irônico.
Explicita e pressuponha os conhecimentos sobre os desejos do outro.	Nominalize.	Use metáforas.
Ofereça, prometa	Demonstre que está assumindo o débito com o interlocutor.	Faça perguntas retóricas.
Seja otimista		Seja ambíguo.
Inclua o ouvinte e o falante na atividade.		Seja vago.
Simule ou explicita reciprocidade		Hipergeneralize.
Dê presentes ao ouvinte		Desloque o ouvinte.

Fonte: Tabela elaborada pelos autores com base nos estudos de Brown e Levinson (1987).

Dessa forma, é interessante notar que as estratégias de polidez são uma atividade tanto consciente quanto inconsciente, à medida que algumas escolhas "escapam" ao nível da consciência. Conforme Silva (2020), todas as estratégias de polidez fornecidas por Brown e Levinson (1987) deixam marcas linguísticas diversas na enunciação, seja por meio do léxico, de termos gramaticais, da entonação fonológica, da categoria sintática ou da organização sintática. Para esse autor, os inúmeros recursos da língua prestam o serviço de reparar alguma ameaça contra as faces dos sujeitos, ou de valorizar as faces, ou de marcar os recursos da polidez, mas nem tudo na língua corresponde a estratégias de polidez, e a polidez também possui uma dimensão discursiva e simbólica. No presente trabalho, interessam-nos os recursos linguísticos que instauram a polidez.

UMA ANÁLISE PRAGMÁTICA DOS ATOS DE AMEAÇA À FACE E DAS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ NA ÚLTIMA ENTREVISTA DE CLARICE LISPECTOR

A entrevista concedida por Clarice Lispector ao jornalista Júlio Lerner, da TV Cultura, foi realizada em fevereiro de 1977 e transmitida dez meses depois, após a morte da escritora. De acordo com depoimento do próprio jornalista, a emissora ofereceu apenas 30 minutos para a realização da entrevista, mas, em razão do tempo gasto para os preparativos iniciais e demais questões de bastidores, acabou restando apenas 23 minutos. Além disso, o repórter contou que tudo se passou muito rápido, praticamente não conversaram antes da entrevista e, apesar de ter conseguido que ficassem sozinhos no estúdio, ele estava desconcertado e notava que Clarice também parecia nervosa e assustada com a situação (Oliveira, 2013).

Diante desse quadro de interação face a face, convém analisarmos os atos de fala que ameaçam a face dos sujeitos envolvidos nessa interação, principalmente a face de Clarice Lispector, assim como as estratégias de polidez empregadas pela entrevistada para preservar a sua face.

ANÁLISE DAS AMEAÇAS ÀS FACES POSITIVA E NEGATIVA

Inicialmente, notamos que são frequentes os atos que ameaçam a face positiva da entrevistada. Ela assume uma postura negativa ao falar de si, de sua obra e de sua própria carreira, não se preocupando em apresentar apenas os aspectos positivos da sua face. A título de exemplo, ao ser questionada a respeito da produção literária feita em sua adolescência, ela se limita a apresentá-la como “Caótica. Intensa. Inteiramente fora da realidade da vida” (Panorama [...], 2012, 3 min 28 s); defendendo o pensamento de que nunca se identificou como uma escritora, afirma “Eu não sou uma profissional, eu só escrevo quando eu quero. Eu sou uma amadora e faço questão de continuar sendo amadora” (Panorama [...], 2012, 4 min 41 s); e, respondendo ao questionamento acerca de sua popularidade, nega que seja popular, trazendo o seguinte questionamento: “Como é que eu posso ser popular sendo hermética?” (Panorama [...], 2012, 10 min 11 s).

Junto a isso, encontramos, com uma recorrência menos expressiva, atos que ameaçam a face negativa do locutor. Eles manifestam-se após questionamentos que solicitam o julgamento da autora sobre determinados assuntos. A exemplo, após responder que é mais difícil se comunicar com o público adulto: “Quando me comunico com o adulto, na verdade, estou me comunicando com o mais secreto de mim mesma” (Panorama [...], 2012, 6 min 56 s), a autora conclui dizendo: “O adulto é triste e solitário” (Panorama [...], 2012, 7 min 10 s). Com essa resposta, fica subentendido que a autora também está falando de si mesma, deixando, assim, a sua face negativa ameaçada, capaz de ser percebida ao menos no aspecto da tristeza e solidão – duas supostas fragilidades.

Os atos que ameaçam a face positiva do interlocutor, embora estejam presentes com uma menor recorrência, podem ser encontrados ao longo da entrevista. Quando o entrevistador solicita: “Você poderia nos dar uma ideia do que era a produção da adolescente Clarice Lispector?” (Panorama [...], 2012, 3 min 23 s), ele realiza um questionamento que tem um potencial de suscitar uma imagem não muito favorável para a face positiva de uma grande escritora, visto que, muito provavelmente, os primeiros escritos ainda não estavam amadurecidos. Um outro exemplo está na indagação “Você acredita que uma pessoa vá a uma livraria comprar especificamente um livro de Clarice Lispector?” (Panorama [...], 2012, 25 min 19 s), traz uma pergunta cuja resposta, seja positiva ou negativa, possui um potencial de ameaçar a face positiva da entrevistada – no primeiro caso, demonstrando soberba; no segundo, insegurança.

Por outro lado, os atos que ameaçam a face negativa do interlocutor apresentaram-se de forma bastante expressiva ao longo da entrevista, deixando, principalmente, a face negativa da entrevistada Clarice Lispector sob o risco de vir à tona. São questionamentos que partem do entrevistador e podem provocar comportamentos ou reações indesejadas, ameaçando, assim, a face negativa da interlocutora. “Clarice, seu pai fazia o que profissionalmente?” (Panorama [...], 2012, 1 min 27 s), “Você chegou a ler as coisas que sua mãe escreveu?” (Panorama [...], 2012, 2 min 08 s), “É mais difícil você se comunicar com o adulto ou com a criança?” (Panorama [...], 2012, 6 min 39 s), “Onde você foi buscar a inspiração, dentro de si mesma?” (Panorama [...], 2012, 20 min 19 s), “O que significa ‘estar na sua?’” (Panorama [...], 2012, 22 min 17 s), “Normalmente, que tipo de problema a Clarice Lispector traz a você?” (Panorama [...], 2012, 25 min 01 s), entre outras perguntas feitas por Júlio Lerner que são exemplos de como se dá a ameaça à face negativa da entrevistada. Em exemplos como os apresentados, ela poderia interpretar os questionamentos

como uma tentativa de invasão de seu território pessoal, de fazê-la revelar sua intimidade, seus pontos fortes e fracos.

Ademais, não conseguimos identificar atos que ameaçam simultaneamente as quatro faces dos sujeitos envolvidos na entrevista. Acreditamos que isso se deve ao fato de a própria situação de comunicação conduzir os sujeitos a se portarem de forma civilizada, evitando trocas de agressões e insultos. De modo geral, constatamos que o conteúdo de boa parte das perguntas é direcionado a invadir o território pessoal da entrevistada, que, em contrapartida, resguarda-se para evitar se comprometer com determinados assuntos.

ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ EMPREGADAS PARA PRESERVAÇÃO DAS FACES

Sabemos que as interações face a face são raramente simétricas, ou seja, sem ameaça às faces dos interlocutores. Comumente, as interações são assimétricas e, portanto, os sujeitos envolvidos adotam estratégias discursivas para atenuar os atos ameaçadores à face e, dessa forma, tentar um melhor rumo para a interação. Assim, na entrevista que Clarice Lispector concedeu ao jornalista Júlio Lerner, analisamos o uso de várias estratégias de atenuação, como: as estratégias de polidez positiva, as estratégias de polidez negativa e as estratégias de polidez indireta.

Nesse sentido, como já mencionado anteriormente, nessa entrevista, Clarice Lispector adota uma postura de alguém que não está tão preocupado em preservar sua face positiva. Dessa forma, são poucos os trechos em que ela se utiliza de estratégias de polidez para preservar sua face positiva; a título de exemplo, destacamos que, no início da entrevista, o entrevistador Júlio Lerner pergunta para Clarice de onde veio o sobrenome Lispector e ela responde:

É um nome latino, não é? Eu perguntei a meu pai desde quando havia Lispector na Ucrânia. Ele disse que há gerações e gerações anteriores. Eu suponho que o nome foi rolando, rolando, rolando, perdendo algumas sílabas e foi formando outra coisa que parece "Lis" e "peito", em latim. É um nome que quando escrevi meu primeiro livro, Sérgio Milliet (eu era completamente desconhecida, é claro) diz assim: "Essa escritora de nome desagradável, certamente um pseudônimo...". Não era, era meu nome mesmo (Panorama [...], 2012, 00 min 06 s).

Com base na resposta dada pela escritora, percebemos que ela utiliza de algumas estratégias de polidez que preservam tanto sua face positiva quanto a de seu interlocutor, visto

que ela responde à pergunta com muitos detalhes, ou seja, se mostra interessada pelos desejos do entrevistador de saber qual a origem de seu sobrenome e ainda conta uma curiosidade sobre seu sobrenome. Sérgio Milliet achou que o nome Lispector era um pseudônimo, e não o nome verdadeiro da escritora, e, ao tratar disso, Clarice o faz em tom otimista, sem demonstrar ressentimento com Sérgio Milliet, já que a escritora reconhece que, à época, ninguém tinha a obrigação de conhecê-la. Outra estratégia de polidez positiva utilizada por Clarice, nessa resposta, foi perguntar retoricamente se o nome Lispector era latino, com essa pergunta, ela utiliza a estratégia de incluir o ouvinte na atividade de fala, que é uma forma de interagir com o interlocutor e se mostrar atenciosa.

Outra ocorrência do uso de estratégias de polidez positiva é encontrada quando Clarice é perguntada se lembra do nome de alguma produção sua do tempo de adolescente, o que ela responde da seguinte forma:

Bem, escrevi várias coisas antes de publicar meu primeiro livro. Eu escrevia para revistas – contos, jornais. Eu ia com uma timidez enorme, mas uma timidez ousada. Eu sou tímida e ousada ao mesmo tempo. Chegava lá nas revistas e dizia: “Eu tenho um conto, você não quer publicar?” Aí me lembro que uma vez foi o Raimundo Magalhães Jr. que olhou, leu um pedaço, olhou para mim e disse: “Você copiou isso de quem?” Eu disse: “De ninguém, é meu”. Ele disse: “Você traduziu?” Eu disse: “Não”. Ele disse: “Então eu vou publicar”. Era sim, era meu trabalho (Panorama [...], 2012, 3 min 42 s).

Ao responder a essa indagação, novamente, Clarice se mostra muito interessada em dar o máximo de informação ao ser interlocutor, porque ela enxerga a necessidade dele como entrevistador. Observamos novamente um tom otimista de Clarice ao falar de si mesma, visto que a escritora aponta suas características, diz que era tímida, mas ousada e relata sua coragem de chegar às editoras e mostrar seus escritos. Além disso, Clarice utiliza explicações com exemplos reais que ocorreram com ela, ou seja, usa da estratégia de polidez positiva ao explicar as situações nos mínimos detalhes para que seu interlocutor entenda.

Ademais, ao ser questionada se foi buscar inspiração dentro de si mesma para escrever a novela que ela estava produzindo, Clarice Lispector responde:

Eu morei no Recife, me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro tem uma feira de nordestinos no Campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá. E peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí começou a nascer a ideia. Depois eu fui a uma cartomante e ela disse várias coisas boas que iam acontecer e imaginei, quando tomei o táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas aquelas coisas boas.

Então a partir daí foi nascendo também a trama da história (Panorama [...], 2012, 20 min 24 s).

Nessa resposta, percebemos que a escritora também utiliza estratégias de polidez positiva, visto que ela explica sobre sua inspiração para escrever a novela e se mostra interessada no desejo de seu interlocutor. Junto a essas estratégias, Clarice também conta que se imaginou sendo atropelada pelo táxi depois de sair da cartomante, ou seja, ela conta uma piada que é uma das estratégias de polidez positiva. Além disso, a escritora utiliza a estratégia de declarar informações, tendo em vista que ela fala sobre si mesma revelando parte de sua história pessoal.

Portanto, em relação ao uso de estratégias de polidez positiva, observamos que as mais utilizadas por Clarice Lispector para preservar sua face positiva, na entrevista concedida a Júlio Lerner, foram: perceber o outro e se mostrar interessado pelas necessidades do outro; declarar informações; explicitar conhecimentos; ser otimista ao falar. É importante ressaltar que o uso dessas estratégias se deu quando Clarice respondia perguntas sobre si mesma ou sobre sua produção literária. Assim, concluímos que a escritora estava interessada em falar de si e sua trajetória como escritora e, por isso, se mostra bastante solícita ao responder a essas indagações.

Por outro lado, na entrevista concedida por Clarice Lispector ao jornalista Júlio Lerner, da TV Cultura, em alguns momentos a escritora se utilizou de estratégias de polidez negativa. Podemos perceber o uso dessas estratégias quando Júlio Lerner pergunta: "Normalmente o contato do jovem estudante com você revela que tipo de preocupação?" (Panorama [...], 2012, 22 min 09 s) e a escritora responde: "Revela coisas surpreendentes, que eles estão na minha" (Panorama [...], 2012, 22 min 13 s). Nessa resposta de Clarice, ela utiliza estratégias de polidez negativa como: ser pessimista, pois apesar de ser uma das maiores escritoras do país, ela acha que os jovens não leem suas obras; além disso, ela apresenta uma resposta muito sucinta, demonstrando que a pergunta não lhe interessava muito. Quando questionada por Lerner sobre sua opinião a respeito do momento em que o ser humano se torna triste e solitário, Clarice responde:

Ah, isso é segredo. Desculpe, não vou responder. A qualquer momento da vida, basta um choque um pouco inesperado e isso acontece. Mas eu não sou solitária. Tenho muitos amigos. E só estou triste hoje porque estou cansada. No geral sou alegre (Panorama [...], 2012, 7 min 34 s).

Nessa resposta, a escritora utiliza a estratégia de polidez negativa, porque ao dizer que não vai responder, ela assume um débito com o seu interlocutor. Ademais, assumindo esse débito, ela pede desculpas, porque sabe que, como entrevistada, seu dever é responder às perguntas. Notamos também que, em sua resposta, ela é evasiva e pessimista, já que declara estar cansada, provavelmente devido ao seu estado de saúde, haja vista que, no momento da entrevista, a escritora já estava diagnosticada com câncer.

Também percebemos que a escritora utiliza estratégias de polidez negativa quando o assunto é a publicação da novela que ela tinha acabado de escrever. Júlio Lerner, no seu papel de entrevistador, tenta “arrancar” informações da autora perguntando qual era o nome da heroína da novela, e Clarice responde: “Não quero dizer. É segredo” (Panorama [...], 2012, 21 min 19 s). Assim, novamente, ela utiliza a estratégia de assumir um débito com o interlocutor, visto que não quer falar sobre seu novo trabalho antes da publicação. Ademais, ao ser questionada sobre quais escritores ela considera mais significativos, Clarice responde: “Eu prefiro não citar nomes porque eu vou esquecer alguns e vai ofender, vai ferir. Assim, eu não cito ninguém” (Panorama [...], 2012, 13 min 24 s). Dessa forma, a escritora, outra vez, fica em débito com o entrevistador, e isso ocorre por ela não querer se comprometer. Sendo assim, ela utiliza a estratégia de declarar a pergunta de Lerner como um ato ameaçador de sua face positiva, esquivando-se da pergunta.

Outra parte da entrevista que demonstra o uso das estratégias de polidez negativa por parte de Clarice é quando Lerner questiona se a escritora se renova a cada trabalho novo, e ela responde: “Bom, agora eu morri. Mas vamos ver se eu renasço de novo. Por enquanto eu estou morta. Estou falando do meu túmulo” (Panorama [...], 2012, 28 min 16 s). Nessa resposta, Clarice utiliza como estratégia de polidez negativa o pessimismo extremo falando que morreu de forma figurativa e colocando em xeque seu renascimento. Acreditamos que essa postura pessimista de Clarice se deu, tendo em vista que a escritora já sabia de seu diagnóstico de câncer, como mencionado anteriormente, o que provavelmente a fez começar a lidar com a ideia de morte e refletir sobre isso. Portanto, em relação ao uso de estratégias de polidez negativa, Clarice se utilizou muito do tom pessimista e, como várias vezes se recusou a responder às perguntas do entrevistador, ela usou da estratégia de assumir o débito com o interlocutor, visto que a escritora queria deixar alguns assuntos em segredo, como as informações sobre sua novela que ainda não tinha sido publicada.

Identificamos também as estratégias de polidez indiretas, isto é, aquelas em que o locutor emite atos ameaçadores da face, evitando responsabilidades ou deixando a interpretação por conta do interlocutor. Na entrevista, percebemos que Clarice faz o uso das estratégias de polidez indireta várias vezes. Um exemplo é quando a escritora foi perguntada sobre onde publicava seus textos, o que a fez responder: “Ah, não me lembro... Jornais, revistas” (Panorama [...], 2012, 04 min 27 s). Dessa forma, a escritora é vaga, já que não cita os nomes dos jornais e revistas em que costumava publicar seus textos. Além disso, como ela responde de maneira evasiva, subentende-se que está diminuindo a importância da pergunta, o que também é uma estratégia de polidez indireta.

Outro trecho da entrevista em que Clarice se utiliza de estratégias de polidez indireta é quando Júlio Lerner pergunta se as novas gerações leem pouco no Brasil e a escritora responde: “Bem, os universitários são obrigados a ler porque impõem a eles a obra. Agora não estou a par dos outros” (Panorama [...], 2012, 22 min 49 s). Com essa resposta, Clarice usa da ironia, dizendo que não tem como saber se outros jovens além dos universitários leem. Percebemos que Clarice não quis comprometer sua face positiva ao dar uma resposta mais ríspida e, por isso, ela aproveita o recurso da ironia.

Ao ser perguntada se o adulto é sempre solitário, Clarice dá a seguinte resposta: “O adulto é triste e solitário” (Panorama [...], 2012, 07 min 09 s). Dessa forma, a escritora utiliza de duas estratégias de polidez indireta, já que ela é vaga, dá uma resposta bem curta e sem tantas informações a respeito do que pensa sobre os adultos, e ela hipergeneraliza, tendo em vista que na sua opinião todos os adultos são tristes e solitários. Assim, ela deixa a interpretação a cargo de seu interlocutor e evita se comprometer dando respostas mais informativas e específicas. Dessa maneira, percebemos que Clarice utilizou as seguintes estratégias de polidez indireta: ser vaga, ser irônica e hipergeneralizar. Com isso, notamos que a escritora faz uso dessas estratégias para não se comprometer dando respostas muito polêmicas e para preservar a sua face positiva e a face positiva de seu interlocutor.

De modo geral, em sua última entrevista, Clarice Lispector, utiliza estratégias para gerenciar as interações durante a conversa. Por meio do uso das estratégias de polidez positiva, a escritora demonstra interesse pelo interlocutor e busca criar um ambiente de interação respeitosa. Entretanto, Clarice Lispector também faz uso das estratégias de polidez negativa, adotando uma postura de evasão e pessimismo em alguns momentos da entrevista. Ademais, as estratégias de polidez indireta, como ironia e generalização, são utilizadas pela escritora para

preservar sua imagem e para evitar que ela se comprometesse com assuntos que ela preferia não explorar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Situados no campo dos estudos pragmáticos, realizamos um diálogo entre a Teoria das Faces, proposta por Goffman (1974, 1981) e a Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987). Nosso objetivo principal foi analisar os movimentos sociointeracionais de preservação da face na *última entrevista* de Clarice Lispector. Partindo da entrevista concedida pela escritora ao jornalista Júlio Lerner, da TV Cultura, em 1977, identificamos, inicialmente, atos de fala que ameaçavam a face da entrevistada e, em seguida, verificamos as estratégias de polidez empregadas pela escritora para preservação de sua face.

Na análise das ameaças à face de Clarice Lispector ao longo da entrevista, notamos que, de um modo geral, as perguntas feitas continham um potencial para invadir o território pessoal da entrevistada. De um lado, destacamos nas perguntas do entrevistador atos que ameaçavam a face positiva da entrevistada, por se tratar de questionamentos induzindo respostas pouco favoráveis para a fachada positiva da interlocutora. Por outro lado, notamos uma presença significativa de atos, por parte da própria escritora, que ameaçavam sua face positiva, reconhecendo suas limitações, trazendo percepções negativas sobre si mesma ou do modo como as pessoas a viam, sobre seu trabalho etc.

Em relação às estratégias de polidez utilizadas por Clarice Lispector, percebemos que as estratégias de polidez positiva estão presentes em respostas detalhadas e informativas, demonstrando que a escritora percebia a necessidade de seu interlocutor; enquanto as estratégias de polidez negativa incluem respostas evasivas, pessimistas e de débito com o interlocutor quando a escritora se recusa a responder a alguns questionamentos. No que diz respeito às estratégias de polidez indireta, percebemos que elas são usadas por Clarice em respostas vagas, irônicas e hipergeneralizantes, o que ocorre em razão de a escritora evitar se comprometer com certas questões polêmicas.

Diante disso, concluímos que, apesar de as respostas de Clarice Lispector, assim como as perguntas a ela direcionadas por Júlio Lerner, de um modo geral, ameaçarem sua face positiva, ela não deixou de empregar diversas estratégias de polidez para preservar sua face positiva e a face positiva de seu interlocutor, adaptando-se ao contexto da entrevista e demonstrando

sensibilidade diante das perguntas, principalmente aquelas relacionadas à sua vida pessoal e ao seu fazer como escritora.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Cibele. Cibele Brandão. In: ALBUQUERQUE, Rodrigo; CABRAL, Ana Lúcia; LINS, Maria da Penha (Org.). *O que é e o que faz a Pragmática?* 1. ed., v. 3. Natal: EDUFRN, 2023, p. 35-45.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- EMEDIATO, Wander. Face, imagens de si e posturas enunciativas. In: CUNHA, Gustavo; OLIVEIRA, Ana Larissa (Org.). *Múltiplas perspectivas do trabalho de face nos estudos da linguagem*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2018. p. 71-92.
- GOFFMAN, Erving. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- GOFFMAN, Erving. *Frame analysis*. New York: Harper & Row, 1974.
- GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Harper & Row, 1967.
- GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GRICE, Paul. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry (Ed.). *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1975, p. 41-58.
- LINS, Maria da Penha; MARCHEZI, Natalia Muniz. Estratégias de proteção de face: uma análise de entrevistas do programa CQC. *Cadernos do CNLF*, v. XVI, n. 04, t. 1 - Anais do XVI CNLF, 2012, p. 553-561. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/049.pdf. Acesso em: 13 jan. 2024.
- OLIVEIRA, Helena. A última entrevista de Clarice Lispector. *Revista Bula*, 10 jun. 2013. Entrevistas. Disponível em: <https://www.revistabula.com/503-a-ultima-entrevista-de-clarice-lispector/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

PANORAMA com Clarice Lispector. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (28 min 31s). Publicado pelo canal TV Cultura. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SAITO, Cláudia; NASCIMENTO, Elvira. Preservação da face e estratégias de polidez: um jogo de sedução nas interações face a face. *Diritto & Diritti*, v. 1. Itália: 2005, p. 1-13. Disponível em: <https://www.diritto.it/wp-content/uploads/old2022/archivio/1/20656.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2024.

SILVA, Ananias. Polidez e estratégias de preservação de face em notas de esclarecimento em vídeo de celebridades. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, v. 14, n. 27, p. 135-155, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/28562>. Acesso em: 15 dez. 2023.

AUTORIA

Felipe Dantas da Silva é mestrando em estudos literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em Letras-Português (licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Durante a graduação foi bolsista PIBIC, período em que se deteve a analisar o regionalismo literário brasileiro.